



DOSSIÊ: HISTÓRIA DIGITAL E HISTÓRIA DIGITAL DA EDUCAÇÃO

Os professores de história e os desafios da convergência no meio digital*History teachers and the challenges of convergence in the digital environment**Los profesores de historia y los retos de la convergencia en el entorno digital***Patricia Coelho da Costa¹**orcid.org/0000-0002-2277-2779
pcoelho@puc-rio.br**Raone Cassin Maia²**orcid.org/0000-0003-4108-2535
raone_phn@hotmail.com**Recebido em:** 04 set. 2024.**Aprovado em:** 01 ago. 2025.**Publicado em:** 28 ago. 2026.

Resumo: Este artigo tem como tema o ensino de história na esfera pública digital. O objetivo desta análise é compreender as relações entre o público, o digital e o ensino de história, entre a autoria e a didatização do conhecimento histórico, relacionando o papel social dos professores de história mediante o mundo digital. Utilizamos da história oral como metodologia para analisar as entrevistas com docentes de história. Concluímos que esses profissionais, como intelectuais mediadores, criam conteúdo para as redes de forma didática, produzem convergências entre a academia, a escola e a esfera pública, ampliando a divulgação científica do conhecimento histórico.

Palavras-chave: ensino de história; história pública; meio digital; professores.

Abstract: This article has as its theme the teaching of history in the digital public sphere. The objective of this analysis is to understand the relationships between the public, the digital and the teaching of History, between authorship and the production of historical knowledge, relating the social role of history teachers in the digital world. We use oral history as a methodology to analyze interviews with history teachers who produce content for networks. We conclude that these professionals as intellectual mediators who produce content for the networks in a scientific and methodological way, produce convergences between the academy, the school and the public sphere, expanding the dissemination of historical knowledge.

Keywords: History teaching; public history; digital medium; teachers.

Resumen: Este artículo tiene como tema la enseñanza de la historia en la esfera pública digital. El objetivo de este análisis es comprender las relaciones entre lo público, lo digital y la enseñanza de la Historia, entre la autoría y la producción de conocimiento histórico, relacionando el papel social de los profesores de historia en el mundo digital. Usamos la historia oral como metodología para analizar entrevistas a profesores de historia que producen contenidos para redes. Concluimos que estos profesionales como mediadores intelectuales que producen contenidos para las redes de forma científica y metodológica, producen convergencias entre la academia, la escuela y la esfera pública, ampliando la difusión del conocimiento histórico.

Palabras clave: enseñanza de la historia; historia pública; medio digital; maestros.

1 Introdução

A história tem sido temas de inúmeras publicações, vídeos, *posts* e produções, dos mais variados segmentos, na sociedade da informação, que, sedenta por conteúdo, encontra na história meio pelo qual alcançar os mais variados nichos e anseios. Vivenciamos um período específico



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

² Secretaria Municipal de Educação Volta Redonda, Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil.

da revolução tecnológica em que a comunicação se tornou potencializadora das relações digitais. No mesmo sentido, diretamente pautados pela comunicação – ou talvez como parte indivisível dela –, também passamos por uma transformação nos modos de circulação dos saberes.

Esses novos nexos entre os sujeitos e as mudanças relacionadas ao tempo, ao espaço e ao sentido no comunicar e aprender se desdobram em problemáticas cada vez mais complexas na educação. A diligência entre sujeito e identidade – ou identidades, no sentido pós-moderno – revela-nos o emaranhado de sentidos produzidos no mundo, de identificações, divergências, diferenças e de complexidades socioculturais, econômicas e políticas, que se transformam em sentidos identitários. O sujeito não é mais o mesmo do século passado e talvez não seja o mesmo de uma década atrás, posto que está em constante processo de ruptura consigo mesmo e com o ambiente.

Os estereótipos ensinados pela escola são colocados em xeque, ainda que permaneçam presos às estruturas tradicionais do ensino. A escola real continua ensinando aos sujeitos, mas tais sujeitos não seguem amarrados às tradicionais bases do ensino e dos saberes. O professor de história se vê diante de uma situação em que se espera dele o papel de impor e reproduzir saberes “que não encontram ressonância com os alunos” (Martin-Barbero, 2014, p. 98). A transversalidade, portanto, perpassa os sentidos da transdisciplinaridade como processo de fronteiras entre saberes que se tornaram obsoletos, mas emergem novos sujeitos da educação.

A *web* emerge como lugar de produção, divulgação e circulação de saberes em conexão, potencialmente interligados às diferentes esferas do conhecimento. Entendemos que esse processo se desenvolve em convergência, na qual diferentes narrativas, produzidas em diversas mídias, são articuladas a produzirem um sentido mais amplo. Dessa forma, uma mídia como o YouTube pode ser utilizada na condição de vetor comunicativo de um tema educacional em disputa, assim como uma postagem em rede

social, um vídeo no TikTok e até mesmo um jogo de *video game*.

Nesse contexto, entendemos o ciberespaço como lugar de interconexão e via de convergência; portanto, o professor de história pode agir na produção dos saberes nessas diferentes esferas. Trata-se também de um espaço de deslocamento docente, à medida que os professores protagonizam resistências e disputas na esfera pública digital pelo ensino de história, fora do eixo tradicional escolar e acadêmico, mas sempre em diálogo com estes dois últimos.

Assim, defendemos a ideia de que é possível que o ensino de história estabeleça um estado de convergência com as mídias e as três esferas tradicionais de produção do conhecimento: a escola, a universidade e o público. Utilizamos da ideia de convergência, pensada em como diferentes espaços de produção do conhecimento dirigem-se a um objetivo comum, isso é, o ensino de história, para tratar do conhecimento produzido nessas diferentes esferas. Esse sentido de convergência apresenta relações entre as três esferas de produção conhecimento que convergem, deslocando sentidos narrativos em ambas as três direções: a academia, a escola e a esfera pública. Entendemos que o agente mediador (Gomes; Hansen, 2016) de todo esse processo pode ser assumido por professores de história que, por se encontrarem em três espaços – o espaço escolar, o espaço público e a academia –, dominando suas especificidades, podem construir esse conhecimento em convergência. Trata-se de uma perspectiva que compreende a história como uma esfera híbrida de disputas sobre narrativas: o que se deve e como se deve ensinar. A *web* surge como um meio potencializador e articulador, ao mesmo tempo, de conexão entre as três esferas, produzindo, assim, disputas e resistências. Chamaremos esse espaço de convergência de Esfera Pública Digital.

Este artigo se baseia na pesquisa sobre o trabalho de três professores de história na Esfera Pública Digital. Esses docentes possuem as seguintes características em comum: a licenciatura em história, a conclusão de curso de pós-gradu-

ação, a atuação em escolas de ensino básico e a representação de canais do YouTube, *podcasts*, *sites* e redes sociais que tratam sobre história. Entre as várias possibilidades de análise, este texto refletirá sobre o exercício de mediação praticado por esses sujeitos, como pesquisadores e professores, autores de conteúdo para divulgação no meio digital dirigido aos docentes de história.

Foi utilizada como metodologia a história oral por nos fornecer subsídios possibilitadores de informações que, de outro modo, não seriam possíveis. Buscou-se, assim, compreender como os sujeitos entendem as suas relações com o projeto de história pública em que estão inseridos. Os três professores entrevistados foram referidos pelos seguintes pseudônimos: Joanna, Camila e Luiz. Trata-se de uma metodologia qualitativa (Garnica, 2004) que proporciona procedimentos sistemáticos, generalistas e livres de indução.

Joanna é professora da educação básica e possui mestrado em ensino de história. Foi formada dentro do mestrado profissional em ensino de história (ProfHistória) e desenvolveu um projeto de história pública na mídia *podcast* com outros colegas do mestrado durante o curso, em 2015.

Camila é professora de história da educação básica, além de lecionar na graduação de história e no programa de mestrado em ensino de história. O seu projeto de história pública foi desenvolvido juntamente com outros professores universitários, por um *podcast* sobre temas relacionados à ditadura.

Luiz é professor de história da educação básica, possui especialização e é membro de um dos maiores *podcasts* de ciência do país. Foi escolhido via processo seletivo para contribuir com as pautas do *podcast* de grande alcance nacional e internacional, mas após algum tempo passou a ser participante efetivo de todos os programas vinculados ao campo da história.

É importante considerar como os cursos de pós-graduação influenciaram os processos de elaboração de uma história pública digital realizados por Luiz, Camila e Joana. Bittencourt (2022, p. 7) destaca a contribuição da atividade de pesquisa exercida em cursos de pós-gradu-

ação para o desenvolvimento de uma identidade profissional docente: a autora coloca a diferença entre "estar em pesquisa" e "fazer pesquisa", uma vez que na escola básica, muitas vezes, por estarem "em situações de pesquisa, já que mesmo se engajando com frequência em atividades de caráter reflexivo e investigativo acerca das próprias práticas pedagógicas, relacionadas com o cotidiano escolar, os professores da educação básica não reconhecem este tipo de pesquisa como atividade obrigatória".

Ao ingressarem nos cursos de mestrado ou doutorado, os professores realizam as etapas da pesquisa regularmente, a saber, atividade crítica reflexiva a partir das fontes, uma sistematização em torno de forma de coleta de dados e interpretações baseadas em teorias reconhecidas que contribuam para a interpretação de uma certa problemática. Exigem-se também o exercício da linguagem acadêmica e a divulgação dos resultados para os seus pares. No caso do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Bittencourt (2022) ressalta que o conhecimento desenvolvido pelos pós-graduandos está diretamente associado ao contexto do trabalho, a saber, o ensino de história escolar.

Este artigo está dividido em duas seções. A primeira parte apresenta o trabalho de divulgação e da circulação do conhecimento elaborado pelos professores objetivando ampliar o acesso dos resultados de pesquisas produzidas na universidade para os docentes de história. A segunda seção expõe os desafios do processo de didatização dos conteúdos das pesquisas históricas para os canais digitais elaborado pelos docentes objetivando conquistar a audiência de seus colegas de profissão.

2 Professores, a história pública e a importância da divulgação científica

Os relatos dos professores demonstram que eles se reconhecem como historiadores e docentes. Como tal, pensam que a construção de um canal na *web* implica a responsabilidade social e o compromisso com a produção da história para divulgação científica nos espaços digitais. Esses

sujeitos se apropriam da perspectiva de história pública, que revela “demandas que exigem posicionamentos, embates e disputas pelos usos do passado e sua publicização” (Rovai, 2018, p. 186). Isso aponta a defesa de uma narrativa histórica permeada por conceitos, técnicas, saberes e teorias em uma tentativa de disseminação e publicidade para além dos grupos restritos e tradicionais da academia. A história para os pares se desdobra na história para a sociedade, em pretensa tentativa de conexão, isso é, de articulação, de uma convergência da produção acadêmica, escolar e aquela produzida para a esfera pública.

Pensar a história pública como posicionamento político e social do historiador é entender a relação entre produção de conhecimento, espaço de experiência (Koselleck, 2006) e interlocução social, à medida que os atores envolvidos na construção da narrativa histórica (Rüsen, 1994, 2010a, 2010b, 2014), isto é, os professores, articulam saberes e práticas (Monteiro, 2007), de forma a circular ideias e a própria ciência histórica. Trata-se da ideia de que os historiadores devem se inserir nos espaços digitais para mobilizar saberes (Monteiro, 2007) e reflexões a partir do seu lugar de experiência (Koselleck, 2006).

Os estudos de Ogassawara e Borges (2019) destacam que as discussões sobre a história pública possui caminhos plurais, e não devem perpassar apenas a ideia de ampliação do público. É preciso refletir sobre os sujeitos que se propõem a difundir a história, quais são seus interesses, suas motivações e de que maneira constroem o passado no presente. No caso desta análise, os três professores relataram a intenção de divulgar nos meios digitais um conhecimento histórico produzido na academia para um público mais amplo. A percepção dos docentes revelada nestes depoimentos corrobora a perspectiva de Malerba (2017) de que o surgimento de novas mídias, em especial a internet, alterou o perfil do produtor de história e expandiu a sua produção, e que por isso o historiador deve se preocupar

com a sua inserção na esfera pública.

Começamos a observar como a história vem sendo apropriada por diversos grupos, manejada por interesses distintos e a gente começou a perceber a possibilidade de ocuparmos este espaço das novas mídias no formato do *podcast*, então nos interessamos por essa ideia, um grupo de amigos e mestrandos, todos professores de história (Joanna)³.

O professor Luiz também relatou que a sua motivação para integrar um projeto de *podcast* era a vontade de, como historiador, ocupar cada vez mais os espaços digitais.

No caso eu conheci o trabalho do [...] porque sou ouvinte de *podcasts* a alguns anos né? ... e num determinado momento eles abriram uma seleção de escritores de pauta, convidando as pessoas que tivessem formação na área que participassem da inscrição das pautas e aí eu participei de algumas pautas, somente como colaborador, escrevendo né? ... desenvolvendo as pautas... e num segundo momento eu fui convidado a participar das gravações também. Então eu já participei das gravações, aí falando assim por alto de mais ou menos uns dez episódios, todos eles específicos de história, e é uma experiência, assim, enriquecedora, porque você aprende muita coisa com os demais participantes, são todos também especialistas da área (Luiz)⁴.

A professora Camila destacou que a sua intenção era usar canais da *web* para divulgar a seus pares, a saber, professores da educação básica, e aos licenciandos em história as pesquisas das quais participavam ou com as quais mantinham diálogo nos programas de pós-graduação.

E aí foi feita a primeira temporada sobre a Independência do Brasil e, enquanto a primeira temporada estava sendo produzida e lançada, o [...] que é um dos pesquisadores do projeto que estuda temas relacionados à ditadura militar, ele me convidou para a gente fazer uma segunda temporada e aí a gente foi experimentar esse formato né? A gente queria desde o início, então, pensar em divulgação científica, pensar em um *podcast* que pudesse ser ouvido por alunos de graduação de história e também por professores de história da educação básica. Então essa foi a ideia desde o início: de alguma forma dialogar com professores da educação básica de história e também com graduandos e pós-graduandos de história e testar este formato numa ideia

³ Entrevista de pesquisa concedida em 10 de janeiro de 2022, na cidade Rio de Janeiro.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 1 de fevereiro de 2022, na cidade do Rio de Janeiro.

de que se poderia divulgar o conhecimento acadêmico produzido nas universidades sobre o ensino da história da ditadura de uma forma melhor, e aí a gente pensou nessas temporadas, aliás, a temporada, como é que a gente fez... (Camila)⁵.

Os relatos também demonstram a intenção dos professores em popularizar a história, o que não é algo novo. Ogassawara e Borges (2019) lembram que na década de 1970, na França, houve a participação de historiadores em programas de TV com o propósito de popularizar a história. Nesse caso, a especificidade apresentada nos depoimentos de Camila e Luiz é a preocupação de que essa popularização ocorra entre os professores de história. É possível relacionar essa perspectiva com a motivação de divulgar o conhecimento acadêmico adquirido nos cursos de pós-graduação aos docentes da escola básica, que não têm acesso aos programas de formação continuada.

Eu gosto de pensar e para isso foi a nossa tentativa né? ... que ele atinge um público mais abrangente e porque, porque a gente tentou muito convidar pesquisadores e também professores de história porque o primeiro episódio é uma conversa entre dois professores de história, sobre o ensino da ditadura, sobre suas pesquisas mais o ensino da ditadura. E os outros professores da universidade que a gente convidou foram professores que têm interesse pessoal em dialogar diretamente com públicos mais amplos, então eu acho que o conteúdo dos episódios, da temporada, é um conteúdo que pode atingir um público mais abrangente sim... agora, é um público mais abrangente, mais interessado em história da ditadura e em ensino, então é um público também que eu não sei se é um público geral, não é um público acadêmico no sentido que a gente está tentando para a universidade, a gente pensou em um público mais abrangente mais formado por professores, digamos, ou quem está estudando para ser professor (Camila).

No seu relato, o professor Luiz também defendeu a importância do papel do mediador do conhecimento histórico, mas destacou que não é possível restringir o acesso aos professores de história ou historiadores. Nesse aspecto, ele afirmou que divulga história para um grande público, que o conhecimento acadêmico não pode ficar

restrito às universidades, mas deve ser ofertado para todo o público que deseje conhecimento.

Você tem uma oportunidade de levar ao grande público um pouco de conhecimento, de discussão acadêmica que geralmente as pessoas não têm acesso. Então é essa a principal questão, de poder levar ao grande público um pouco da discussão que acontece na academia, porque na academia, eu entendo apesar de não ser acadêmico, mas a maior parte das pessoas lá tem mestrado, doutorado e trabalha na academia. A academia não pode ser fechada em si mesma, ela tem que ter sua abertura para o público geral conhecer o que está sendo desenvolvido na academia e assim enriquecer o seu repertório (Luiz).

A preocupação de Malerba (2017) com o aumento de produtores de conteúdo histórico na *web* e os recursos que utilizam para conquistar audiência é compartilhada pelo professor Luiz. Ele destacou os desafios de se produzir conhecimento histórico para as redes pelas dificuldades para conquistar uma boa audiência; demonstrou a sua preocupação de que muitos conteúdos históricos, que são produzidos sem nenhum rigor científico, têm mais facilidade para atrair muitos ouvintes.

Eu acredito que desinformação a gente combate com ciência com informação. Conforme eu falei, não verdades absolutas porque isso não existe, mas conhecimentos que já foram testados, experimentados e aceitos por uma comunidade científica. A gente não consegue ter o alcance que muitos canais em rede social têm hoje em dia, infelizmente né? Às vezes um vídeo gravado por um negacionista da terra plana alcança muito mais *likes* e *views* do que um *podcast* gravado por nós com todo rigor científico, com toda essa preocupação (Luiz).

Um dos objetivos dos professores que divulgam conhecimento histórico em plataformas digitais é transpor as barreiras da circulação da informação, ampliando o público que tem acesso aos conteúdos acadêmicos. No entanto, eles corroboram que qualquer conhecimento científico também deve ser verificado, questionado e problematizado pelos pares. Assim, deve-se refletir como um conteúdo digital em forma de áudio ou vídeo poderia agregar essas dinâmicas

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 22 de março de 2022, na cidade Rio de Janeiro.

do conhecimento.

Nessa análise, é muito importante a ideia de circulação de conhecimento entre os diferentes espaços da sua produção, isto é, a universidade, a escola e o espaço público. Faz-se mister notar que o objetivo narrado é claramente de "divulgar o conhecimento acadêmico produzido nas universidades sobre o ensino da história da ditadura" (Camila), o que propicia ao professor de história, formado na academia, presente na sala de aula e sobretudo como agente social no espaço público, liderar um processo de circulação de conhecimento dentre esses diferentes espaços.

O conceito de "divulgação científica" evidenciado pela professora também evoca a ideia de circulação de conhecimento ao apresentar que as pesquisas produzidas no âmbito universitário devem ser divulgadas para professores da educação básica, nos espaços públicos de circulação de ideias. Com a circulação na *web*, pretende-se romper com a hierarquia, à medida que se concebe que a universidade não é o único local de divulgação de conhecimento histórico. A nossa compreensão de história pública compreende as outras esferas como lugares de produção e divulgação de conhecimento, tanto quanto a universidade.

As demandas do tempo presente, protagonizadas por disputas políticas e educacionais como as observadas, também lançam nas três esferas discutidas a dinâmica das disputas e da produção de conhecimento. A nossa percepção é a de que a própria escola e a produção de conteúdos histórico digitais são produções de conhecimento à medida que se estabelecem como lugares de fronteira, com demandas do tempo presente e de manifestação pública do papel social do historiador.

3 Furando a bolha

A história pública não é apenas uma forma de divulgação científica. Entendemos a história pública como campo de possibilidades de produção de conhecimento, que busca, fora dos espaços tradicionais de pesquisa, inserir a história como tema social e posicionamento diante do

mundo. A esfera pública é, de fato, o lugar em que o modo de agir político pode ser exercido e articulado. Compreendemos esse espaço como lugar em que a liberdade humana, o debate de ideias, a pluralidade humana, nos seus diversos aspectos, encontram-se em uma espécie de arena social. O espaço público não seria uma instituição ou organização social, nem um espaço delimitado e com fronteiras determinadas; antes, constituir-se-ia como uma estrutura aberta, que "pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensar em opiniões públicas enfeixadas em temas" (Habermas, 2003b, p. 92). Desse modo, a esfera pública também não é necessariamente um espaço físico, podendo ser pensado dentro de estruturas abstratas, mas que são potencialmente constituídas pela esfera da comunicação.

Como destaca Meneses (2018, p. 160), a produção da história para além dos muros institucionais foi encarada como marginal, à medida que muitos historiadores enxergavam esse tipo de divulgação com relativa negação e indiferença. Esse é um equívoco voraz, visto que "nossos cantos e canteiros têm sido partilhado por muitos novos/velhos contadores de história".

A intenção de interlocução com os pares aparece em todos os relatos e isso se torna comum em todas as entrevistas realizadas, o que nos possibilita problematizar a construção do conhecimento histórico como algo coletivo. Os professores entrevistados seriam, na nossa compreensão, protagonistas da convergência entre esses diferentes espaços de produção do conhecimento, à medida que exercem a docência na escola básica, participam do espaço acadêmico e divulgam conhecimento na *web*. Esse protagonismo não é solo; o diálogo com os pares se torna parte fundamental da construção do conhecimento e da divulgação do produto digital.

As relações entre a produção de conteúdos históricos digitais, o lançamento e o acesso pelo público nas redes são questões que não podem deixar de ser problematizadas. O que Eli Pariser

(2011 *apud* Madsen, 2016) define como fator de relação entre usuários na busca de informações, o filtro bolha deve ser debatido como algo presente em todas as relações entre produtores e usuários. Ainda assim, também é importante a percepção de que, diferentemente de nas salas de aula, os usuários buscam o conteúdo que desejam consumir, burlando certos aspectos dos algoritmos, e estabelecendo disputas entre o que é entregue e o que eles desejam.

O professor Luiz ressalta que o objetivo do seu *podcast* não é realizar discussões acadêmicas propriamente ditas. Por outro lado, salienta que o conhecimento desenvolvido na academia deve ser mediado com o conhecimento que as pessoas possuem no dia a dia, além de utilizar a cultura *pop*, aqui entendida como conhecimento do grande público a respeito de filmes, séries, animações, literatura e outras produções de amplo conhecimento popular.

Luiz caracteriza, portanto, o conhecimento acadêmico como algo hermético, atribuindo sentido de fechamento entre os pares, isto é, um conhecimento restrito para aqueles que pesquisam e desenvolvem conhecimento científico sobre determinado tema. Essa crítica à academia evidencia um dos aspectos levantados pela história pública e pelas dificuldades dos profissionais do campo da história em se enveredar na produção de conteúdos digitais.

É uma preocupação nossa lá em relação a isso, porque quando são acadêmicos conversando a conversa acaba descambiando para um modo assim de discussão acadêmica, e esse não é o nosso objetivo. Tanto é que a gente tenta *linkar* o que a gente desenvolve lá em termos de conhecimento acadêmico, tenta fazer uma ponte com a cultura *pop*, com o conhecimento geral que as pessoas têm sobre determinado assunto, coloca no meio da discussão assuntos do dia a dia que vão também dialogar com aquilo que está sendo construído em termos de conhecimento, porque é aquilo que eu falei na questão anterior: o conhecimento acadêmico é um pouco hermético, ele acaba ficando fechado, então se a gente tiver uma discussão hermética, uma discussão feita no linguajar acadêmico, o público geral automaticamente não vai se interessar, a gente não vai ter o alcance que a gente pretende ter, então a gente procura *linkar* com a cultura *pop*, o que se conhece de história geral, a gente que é de história, a gente ainda tem uma vantagem

porque a história desperta um interesse no público geral né? (Luiz).

É perceptível que o professor Luiz estabelece conexões didáticas entre o seu lugar de professor na educação básica e o seu papel como produtor de conteúdo histórico digital. A compreensão didática de que o conhecimento histórico deve partir de um lugar comum dos estudantes, daquilo que Monteiro (2007) chamou de "analogias históricas", é algo a ser aplicado também nos espaços digitais. O papel de mediação do professor de história, segundo o professor Luiz, aparece tanto nos espaços tradicionais como nos espaços digitais.

A circularidade da produção do conhecimento histórico entre os diferentes espaços é um dos fatores mais presentes no relato dos professores de história. Esses professores, por sua vez, compreendem a si mesmos como agentes de mediação social, articulando todas essas diferentes esferas. É a história pública o campo de mediação desses elementos que, articulando as tecnologias de informação e comunicação, em um mundo hiperconectado, desenvolvem projetos de ensino de história para um grande público, de forma que a história orienta a vida humana (Bergmann, 1989; Meneses, 2018; Rüsen, 2010a).

4 A construção de um didática de história para a esfera pública digital

A didática da história é aqui compreendida como área de pesquisa, não apenas o ensino de história escolar, mas também nas relações entre o ensino e a esfera pública. O conceito de didática da história pela perspectiva alemã da *Geschichts-didaktik*, construída por Klaus Bergmann (1989) e Jörn Rüsen (1994, 2010a, 2010b, 2014), teóricos do campo da história, nos fornece subsídios para compreender a história e o seu ensino para além da sala de aula, o que inclui a esfera pública digital. Como teóricos da história, esses autores pretendem lançar uma discussão a respeito dos diferentes modos como se constrói a consciência histórica dos indivíduos. Tratamos aqui do conceito de *consciência histórica* que evoca um

sentido da didática da história em diálogo com a história vivenciada pelos indivíduos que, a partir de diversos pontos de vista, culturas e visões de mundo, conseguem relacionar o seu passado ao presente. Trata-se de uma organização temporal no mundo, que se dá na própria experiência de vida do indivíduo.

A consciência histórica, segundo Rüsen (1994), não está restrita a grupos privilegiados; antes, ela compõe o pensamento humano, é inerente ao estar no mundo, pois é constituída por referenciais do grupo em que se está inserido, o que lhe atribui sentidos à interpretação do mundo à sua volta. A didática da história é, por sua vez, a disciplina que investiga a consciência histórica, especificamente o "aprendizado histórico", uma das dimensões da consciência histórica que ocorre quando a história é apontada como fator de "orientação cultural na vida prática humana", relacionando as três dimensões temporais, isto é, "desafios do presente, experiências do passado e expectativas de futuro" (Rüsen, 2010a, p. 43).

É esse alargamento da compreensão da didática da história que nos ajuda a identificar as relações apresentadas. A práxis é o fundamento da compreensão de um mundo conectado, relacionando diferentes concepções sobre os fatos históricos, as quais, ainda que não sejam necessariamente científicas e legitimadas academicamente, lançam sobreposições de conceitos, fatos e temporalidades que disputam narrativas com a história produzida pela academia e pela escola.

A partir de suas formações em pós-graduação, os professores entrevistados mantiveram conexões com centros de pesquisa e universidades. Eles desenvolveram técnicas de pesquisa, historiografia e mantiveram, seja pelas suas pesquisas de pós-graduação, seja nas relações de consulta a bibliografias, participação em atividades acadêmicas e contato com especialistas. Todos os entrevistados dialogam com pesquisadores e bibliografias na produção de suas pautas e mesmo na participação dos programas. Isso também se afirmou em nossas fontes digitais, na forma de indicações bibliográficas e citações vernaculares nos vídeos.

Joanna estabeleceu uma relação muito próxima com o espaço acadêmico. Segundo a professora, a maior parte do material de pesquisa que é utilizado na construção da pauta dos programas advém de artigos acadêmicos e de livros produzidos por historiadores. Outro diálogo relatado é a presença de pesquisadores acadêmicos com participação direta nas gravações. A docente menciona que diversos professores pós-graduados das universidades do Rio de Janeiro já participaram de *podcasts* gravados pelo projeto. A professora Joanna ainda destaca que os participantes utilizam bibliografias clássicas na produção das suas pautas, as quais são construídas em diálogo com os convidados. Tal fato nos mostra que a esfera digital tem sido um lugar de disputas de narrativas, mas também de diálogo entre os historiadores e as suas pesquisas.

Bittencourt (2022) aponta que a atividade de pesquisa proporciona aos seus agentes uma mudança no olhar através de uma atividade reflexiva. Para Joanna, o objetivo final é estabelecer um diálogo com a academia, mas com uma linguagem mais didática, mais acessível a um público formado por ouvintes que não são especialistas. A convergência se estabelece como a promoção de um conhecimento acessível em um espaço no qual qualquer ouvinte pode se conectar.

O grosso do nosso material de pesquisa para construção de pauta é material historiográfico, artigos acadêmicos, livros. E outra forma de diálogo que eu poderia citar é convidar esses profissionais dentro da academia. Nós temos alguns programas gravados com professores, doutores, que estão lecionando nas universidades, onde o conteúdo histórico é produzido academicamente hoje, especialmente o Rio de Janeiro, que tínhamos um contato maior por estar no programa do mestrado, mas temos programa gravado com a professora [...], [...], [...] com autores de livros, pesquisadores... uma série de pessoas convidadas tanto para gravação quanto para participação na montagem dessas pautas e as obras dessas pessoas que a gente vai utilizando e clássicos da historiografia a gente dialoga bastante. A ideia é essa: dialogar com o conhecimento acadêmico com uma linguagem que seja mais abrangente para o público geral (Joanna).

Para a professora Joana, o conteúdo deve ser, ao mesmo tempo, abrangente, no sentido de

transpor as barreiras tradicionais da academia, e possuir a capacidade de fazer uma interlocução com os pares. Vale destacar o quanto foi importante para ela dialogar com os pares que frequentavam o mesmo programa de pós-graduação:

Por outro lado, eu enxergo muito o [...] como uma iniciativa didática, pensando no espaço de ensino de história fora do espaço tradicional que é o espaço da escola eu penso que ali é uma oportunidade de ensino e aprendizagem de história também, de construção e conhecimento histórico, então eu penso que é um público mais acadêmico que pesquisa ensino, acaba tendo interesse e eu vejo alguns relatos e algumas interações de professores que escutam e que lidam com isso (Joanna).

Joanna compreende que o *podcast* é uma “iniciativa didática”. Para a professora, esse tipo de áudio é, portanto, um meio de ensino que articula o espaço tradicional de produção do conhecimento, isto é, a escola e a academia. E essa dimensão do ensino contempla justamente aqueles docentes que não pertencem ao campo de pesquisa da história.

Tal qual os outros professores, Luiz também se reconhece como pesquisador, e estabelece pontes com a academia, às vezes em diálogo com as suas pesquisas, outras vezes pela participação direta de pesquisadores na gravação dos *podcasts*. Além disso, em seu relato, Luiz revela a preocupação com o fato de que seu trabalho seja aprovado pela academia. A cientificidade das narrativas produzidas pelos historiadores nas redes demonstra um caráter de convergência com os espaços tradicionais de produção de conhecimento.

Então a base da nossa pesquisa, além dos livros né? ... dos clássicos assim da historiografia, a gente trabalha muito com pesquisa acadêmica, também a gente procura alguns artigos de revistas, até de sites mais científicos assim, mas sempre a gente tenta colocar uma bibliografia acadêmica até no que a gente pesquisou no site a gente confirma numa bibliografia acadêmica, porque é aquela coisa... a gente não pode descambar lá para mera opinião como nosso trabalho se propõe a ser um trabalho científico em termos, apesar de não estarmos na academia, a gente acredita que a gente faz ciência e divulgação científica é uma coisa muito séria. A partir do momento que a gente assume essa postura de ser científico a gente tem que ter base na produção acadêmica e com relação ao

diálogo com quem está na academia, a gente tem sim, a gente busca às vezes diretamente conversar com pessoas da academia e pedir uma opinião sobre determinado assunto e às vezes a gente convida também para participar dos programas, a gente tem lá um *spin off* do [...], o [...], onde a gente convida acadêmicos para estarem no programa falando sobre suas teses, inclusive uma das últimas participantes foi uma pesquisadora aqui de [...], professora [...] que foi lá falar da tese dela, então a gente tenta marcar esse diálogo diretamente com a academia e felizmente a gente recebe *feedbacks* da academia positivos, agradecendo a gente por algumas coisas que a gente produz e nisso a gente cresce no público acadêmico e também no público geral (Luiz).

Os professores de história também mobilizam os docentes e o conhecimento que eles produzem na escola básica e nos programas de pós-graduação, compartilhando experiências docentes e de pesquisa. Essa relação é fundamental para compreendermos a forma como esses profissionais têm atuado nos espaços digitais.

Olha, eu busco o tempo inteiro e aí dentro dessa busca é óbvio que existem buscas que são feitas em periódicos né? ... buscas que são feitas em bancos de teses e dissertações. Claro que sim, eu acho que é muito importante, sobretudo na minha área de pesquisa, que é ditadura militar, sempre ter como referência as produções historiográficas naquilo que está sendo discutido na academia, até porque tem uma pegada muito atual, responde muito a questionamentos do presente que é o que eu encontro muito em sala de aula da educação básica também, mas eu procuro muito também é em sites, revistas, enfim, em acervos que tratam de experiências já desenvolvidas por professores. Então, por exemplo, hoje eu consulto muitas dissertações do ProfHistória e muitas vezes utilizo algumas das proposições didáticas que são colocadas ali. Enfim, eu acho que esse diálogo é importante e esse diálogo ele passa sobretudo por uma conscientização do professor da educação básica de que é necessário estudar o tempo inteiro, sempre tem alguma coisa para aprender, pra rever, pra enfim compartilhar com outros colegas (Camila).

A escolha dos temas é uma questão relevante no processo de elaboração dos *podcasts*. A professora Joanna e os demais participantes determinam as suas escolhas a partir do debate público, estabelecendo conexões com a história e problematizando temas atuais. A utilização de efemérides traz a percepção de que os produ-

tores de conteúdo históricos digitais desejam estabelecer relações com a sociedade e as suas demandas.

A gente na verdade sempre partiu das demandas do tempo presente, a gente costuma dizer assim, a gente demanda dessa forma. Explicando melhor, os assuntos que vêm sendo mais comentados, geralmente aqueles que geram algum tipo de polêmica, na atualidade, no dia a dia, especialmente no cenário político, no cenário econômico, eventualmente elementos culturais também, e às vezes a gente pensa em uma certa sazonalidade, pensamos em datas comemorativas, representativas (Joanna).

A história aparece aqui como uma resposta à compreensão dos fatos do cotidiano e das disputas que ocorrem no tempo presente. Joanna utiliza a palavra "recuperar" como algo a ser resgatado, quanto à forma de buscar na história os elementos que ajudam na compreensão do tempo presente. Essa autenticação de pesquisa entre pares busca na historiografia os elementos necessários para encontrar esse passado/presente.

A professora Camila nos trouxe uma outra percepção sobre a escolha das temáticas dos *podcasts*, em que o papel do ensino tem destaque. Camila também demonstra um papel de responsabilidade quanto às pesquisas sobre ensino de história efetivadas por ela na academia para o debate público.

Bom, a primeira coisa que o tema geral da segunda temporada, que é o ensino da ditadura hoje, é um tema que eu desenvolvo numa pesquisa pessoal, num projeto de pesquisa pessoal e também com o [...] né? ... mas além disso nos últimos anos, as questões da ditadura alcançaram uma visibilidade muito grande por conta do governo Bolsonaro, então quanto mais o governo Bolsonaro tentou justificar a ditadura, tentou negar a violência da ditadura, tentou legitimar o período ditatorial para a sociedade brasileira, mais a ditadura foi falada. Então é um tema de projeto pessoal de pesquisa mas também um tema muito presente na cena pública brasileira (Camila).

O professor Luiz abordou a questão da narrativa que deve ser adaptada ao tempo do *podcast*. Uma questão que nos pareceu importante de ser destacada é a afirmação por parte do professor Luiz de que a pauta precisa ser simplificada, algo

que, ao ser pronunciado pelo professor rapidamente, é descrito como simplificação quantitativa de informações e não qualitativa desses conteúdos. Nota-se uma preocupação em tornar a narrativa histórica acessível ao grande público, mas sem perder a cientificidade.

Eu vou te falar o passo a passo do nosso método lá. É o seguinte, o [...] é uma produção multidisciplinar, ela lida com várias áreas de conhecimento. Então a gente tem um time para cada área de conhecimento, e esse time é formado por especialistas. As discussões nos grupos específicos dos times elegem um tema, a gente mesmo propõe temas que podem ser desenvolvidos né? E aí, uma vez definido um tema que todos concordem, a gente monta a equipe de pauta, a equipe que vai fazer a pesquisa e elaborar o texto da pauta e a gente elege também uma equipe de revisão; é sempre feita a revisão por pares, aí essa outra equipe vai pegar a pauta escrita pela primeira equipe, vai revisar, verificar se está tudo de acordo, verificar essa questão de estar *linkado* com o conhecimento geral, com a cultura *pop*. Uma vez aprovada a pauta, a gente tenta o máximo possível simplificar, como é que eu posso dizer... não é simplificar qualitativamente, mas quantitativamente para não ficar com informação demais (Luiz).

Luiz também dá destaque ao aspecto do tempo de cada programa, o que revela uma preocupação com a permanência dos ouvintes em cada um, de forma que a organização da narrativa construída pelos participantes observe os ouvintes como sujeitos de importância e destaque.

Outro fator que aparece nesse trecho da entrevista é a relação dos participantes do programa com a teoria da história. Segundo o professor, nenhuma teoria é 100% comprovada e não deve ser tratada no *podcast* como uma verdade absoluta. Essa preocupação surge mais à frente, quando é relatado que o *podcast* não é um lugar de desenvolvimento de revisionismo histórico e, portanto, deve ser encarado como um meio de divulgação científica. Para o entrevistado, a academia é o lugar onde se deve pesquisar e desenvolver pesquisas que possam ser legitimadas pelos pares.

A gente tem um limite de tempo de programa de uma hora e meia, que é o limite que a gente tenta cumprir em todos os programas para não ficar aquela discussão modorrenta, aquela coisa meio chata, rançosa, porque as

... pessoas acabam desligando o programa na metade porque não têm paciência de ouvir. Então a gente tenta sempre ser dinâmico e tudo que a gente prepara lá, tudo que a gente elabora em termos de pauta, é avaliado por pares, para assim, porque às vezes assim, a gente acaba teorizando em cima de alguma coisa, a teoria ela não é uma coisa 100% provada, então fica difícil você falar isso em um programa de grande alcance, você vai estar soltando ali uma opinião, porque a gente até toca na questão do revisionismo histórico né? ... o revisionismo não é para ser desenvolvido em pauta de *podcast*, o revisionismo histórico se for para você revisar algum fato histórico vai ser na academia, com o seu trabalho sendo avaliado por pares e etc. Então a gente tem essa preocupação... (Luiz).

Os professores entrevistados demonstram que as demandas sociais, fortalecidas por disputas educacionais, principalmente da história ensinada, estão em disputas por questões do tempo presente. As demandas sociais, motivadas por narrativas históricas negacionistas, disputas de memória (Nora, 1993), têm promovido o debate pelas diversas mídias por professores de história em defesa do campo do ensino, da historicidade das suas pesquisas, da construção histórica da vida social (Monteiro, 2007) e da interpretação do ensino de história à luz do presente (Cerri, 2007). A história é a construção do tempo presente (Hartog, 2019; Koselleck, 2006) e os professores de história, portanto, fazem parte das disputas, pois estão inseridos nas dinâmicas sociais e se relacionam com o seu objeto (Chartier, 1993; Hobsbawm, 1995).

5 Considerações finais

A pesquisa sobre o ensino de história tinha como objetivo identificar a convergência entre os três espaços: a escola, a academia e a história pública digital. Esses docentes cumprem o papel de intelectuais mediadores por se encontrarem ativos nas três esferas de produção de conhecimento: as universidades, a escola básica e a *web*. A partir da análise dos relatos dos professores, foi possível identificar que existem especificidades na produção dos saberes nesses diferentes campos.

Os três professores atuam na escola básica, mas possuem uma identidade como pesquisa-

dores. Neste sentido, o curso de pós-graduação em ensino de história impactou suas trajetórias de diferentes formas: na sua identidade docente, na concepção sobre o ensino de história e na motivação para produzir uma história pública digital. As interseções entre esses aspectos são fundamentais para compreender as intenções e motivações desses sujeitos para elaborar conhecimento histórico para divulgar na *web*.

Os docentes pouco falaram do contexto escolar em que atuam e dos seus pares. No entanto, seus depoimentos mostram que, ao cursarem os programas de pós-graduação, passam a ter uma percepção de que o ensino de história praticado deve ser aprimorado. Os três professores participam de canais destinados aos docentes de história. Outra questão é a de que, ao falarem sobre o tipo de conhecimento de ensino de história que seria divulgado na *web*, definem como um conteúdo historiográfico com o qual tiveram contato a partir da elaboração de suas pesquisas, ou de disciplinas cursadas. Não foram mencionados aspectos metodológicos, conceitos sobre o ensino de história, que poderiam ajudar esses docentes a elaborar materiais didáticos diferenciados ou a compreender as dificuldades de seus alunos em se apropriar do conhecimento histórico.

Na dimensão da universidade, os três professores relataram a preocupação em divulgar uma história produzida a partir das pesquisas acadêmicas, em ocupar um espaço que está sendo preenchido por diletantes. A fala desses docentes mostra que se identificam como docentes pesquisadores e, como tal, não têm a intenção de romper com o campo; ao contrário, desejam aproximá-lo da escola. Nesse aspecto, os cursos de pós-graduação impactaram suas trajetórias. Ocorrem o desejo de divulgar a produção acadêmica: seja por meio de convites aos pesquisadores para colaborarem com os canais dos quais participam, seja por consultas para indicações de referências bibliográficas ou a divulgação de artigos, dissertações e teses. Os relatos nos dão indícios de que isso poderia ser uma estratégia para assegurar o caráter cientif-

ico do conteúdo, de buscar o reconhecimento acadêmico de sua produção ou de aprofundar o diálogo com a academia.

Na produção da história digital, os docentes mostraram um investimento no formato dos canais, a saber, na linguagem, no tempo e no dinamismo do diálogo. Os professores também expuseram que têm consciência de que a expansão implica uma mudança na relação do historiador com seu público. A professora Camila destacou que o *podcast* era destinado inicialmente ao público do campo da história – pesquisadores, estudantes e professores da educação básica. Essa percepção se dá pelo destaque da professora às estratégias de comunicação do programa, como um bate-papo entre dois professores de história.

A esfera pública digital é um local de intenso debate sobre a sociedade, em que os agentes sociais também mobilizam disputas e enfrentamentos, em que o ensino de história existe como tema. É no espaço público e em suas interconexões com a esfera privada que as disputas sobre o currículo escolar, a hegemonia de narrativas históricas, as mídias digitais e, inclusive, o papel dos professores são debatidas e problematizadas. As análises possibilitaram identificar que o processo de convergência praticado por docentes de história não é uniforme, tampouco unidirecional. Ainda que seja um pequeno recorte da atuação dos professores na esfera pública digital, chama a atenção para aspectos que devem ser aprofundados e debatidos.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, [s. l.], v. 9, n. 19, p. 29-42, 1989.
- BITTENCOURT, Jane. Mestrados profissionais e desenvolvimento profissional da docência: uma análise do Programa ProfHistória. *Revista Brasileira de Pós-graduação*, Brasília, v. 18, n. 39, jan./jun. 2022.
- CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e Educação: olhares em convergência*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1993.
- GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e educação Matemática. In: BORBA, Marcelo Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola (org.). *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. v. II. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003a.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MADSEN, Anders Koed. Beyond the Bubble: Three empirical reasons for re- conceptualizing online visibility. *MedieKultur: Journal of media and communication research*, [s. l.], v. 31, n. 59, p. 22, 2016.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, [s. l.], v. 37, n. 74, 2017.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A Comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014. 155 p.
- MENESES, Sônia. Livros, leitores e internautas: Os guias da história e os embates pelo passado através da mídia. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MENESES, Sônia. *História Pública em debate: Patrimônio, Educação e Mediações do Passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, [s. l.], v. 10, 1993.
- OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 39, n. 80, 2019.
- ROVAL, Marta Gouveia de O. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele R.; MENESES, Sônia. *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica? Reflexiones sobre una nuevamanera de abordar La historia*. [S. l.: s. n.], 1994. Disponível em: <http://www.culturalhistorica.es/ruesen.castellano.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 41-49.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido*: orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis: Vozes, 2014.

RÜSEN, Jörn. Narrativa Histórica: Fundamentos, Tipos e Razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010b. p. 93-108.

Entrevistas

CAMILA. Entrevista I. [mar. 2022], 2022. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

JOANNA. Entrevista I. [jan. 2022], 2022. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

LUIZ. Entrevista I. [fev. 2022], 2022. 1 arquivo .mp3 (90 min.).

RENAN. Entrevista I. [fev. 2022], 2022. 1 arquivo .mp3 (120 min.).

Patricia Coelho da Costa

Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Integra o Programa de Pós-Graduação de Educação e o Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória). Coordena o grupo de pesquisa Educação, História e Comunicação e é pesquisadora Jovem Cientista do Nosso Estado (2019). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação. Atua principalmente nos seguintes temas: História da Educação, radioeducação, intelectuais, ensino de História e cultura material escolar.

Raone Cassin Maia

Possui graduação em História pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB), Mestrado em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Tem experiência de pesquisa na área de História e Educação, com ênfase em História Pública, Tecnologias de Informação e Comunicação e História Digital. Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LEPEH) e do Grupo de Pesquisa Mídias e Educação (PUC-Rio). É professor da educação básica no município de Resende e atualmente exerce o mandato de vereador no município de Volta Redonda, onde se dedica a projetos na área de educação e direito à cidade. É presidente da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Câmara Municipal, além de coordenador da Frente da Saúde Mental.

Endereço para correspondência

PATRICIA COELHO DA COSTA

Rua Marquês de São Vicente, 225 Prédio Lemme, 10º andar

Rio de Janeiro (RJ), Brasil

RAONE CASSIN MAIA

raone_phn@hotmail.com

Como citar este artigo

Costa, P., & Maia, R. Os professores de história e os desafios da convergência no meio digital. *Estudos Ibero-Americanos*, e46812. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2026.1.46812>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.